



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

ESCRITA DE SI E MEMÓRIA:
descobrimo-me artista, pesquisadora e educadora

Simone da Costa Leite – 88831

Trabalho de Conclusão de Curso, referente ao segundo semestre de 2021, como requisito para conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura do Instituto de Letras e Artes - ILA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Pianowski.

Rio Grande

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

ESCRITA DE SI E MEMÓRIA:
descobrimo-me artista, pesquisadora e educadora

Simone Leite

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fabiane Pianowski (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Profa. Dra. Rita Patta Rache
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Prof. Me. Jarbas Greque Acosta
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus queridos professores(as) que foram uma grata surpresa no decorrer da minha vida acadêmica: Professora Marlen de Martino, por me fazer amar História e, por muitas vezes me apoiar inclusive financeiramente, a Professora Rita Pata Rache pelo carinho maternal que sempre teve comigo nos momentos mais difíceis da minha trajetória, Professora Tereza Lenzi, que, abriu minha mente para o senso crítico e consciência de classe, ao Professor de Biblioteconomia Jarbas Greque Acosta, que teve papel importante nos conselhos didáticos, e, a minha querida orientadora, Professora Fabiane Pianowski, que aceitou abraçar esse projeto mesmo sabendo das inúmeras dificuldades que certamente viriam, com coragem, paciência e fé.

Agradeço também aos meus amigos mais próximos, e, a minha filha, Hanna, que aturou meus surtos de total incapacidade para finalizar essa etapa.

Não posso deixar de agradecer por último, mas não menos importante, ao meu padraсто Alvacir Tomaz da Costa, que me apoiou financeiramente nos últimos anos, ajuda esta para que eu pudesse concluir a faculdade de Licenciatura em Artes Visuais.

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a todos que de alguma forma me ajudaram a finalizar este ciclo: a comunidade barrense com doação de materiais para o bom funcionamento dos projetos propostos, na doação de pedaços de madeira para o Projeto “Emplaque essa Ideia”, doação de tintas guache para a “Tarde Cultural” com as crianças da comunidade, doação de TNT e tecidos de algodão para o Projeto “Máscara Solidária”, e, aos meus pais adotivos.

Quando estou diante dos estudantes, nem sempre se trata de convencê-los ou mostrar que sua ideia é errada ou a minha é a certa. Ao explicitar minha ideia, trata-se mais de fazer com que eles percebam em que medida as deles, que partem de suas próprias práticas, se assemelham as minhas ou divergem delas.

(Paulo Freire, 1996.)

RESUMO

O presente trabalho tem um caráter autobiográfico, abordando como foi a minha constituição como artista, pesquisadora e educadora. A partir de um memorial, apresento minha trajetória artística e acadêmica, tanto no âmbito das artes visuais, da música, das artesanias e suas intersecções. Trabalhando diretamente em sala de aula desde 2006, por meio de políticas públicas do Governo Estadual e Municipal, desenvolvi vários projetos de cunho educacional na comunidade da Povoação da Barra – São José do Norte – RS, local que escolhi tornar meu lar, apresento as ações pedagógicas e solidárias ali desenvolvidas traçando conexões interdisciplinares com referenciais teóricos da educação ambiental, da educação patrimonial e do ensino de artes. Também trago ações e reflexões de ser uma artista/educadora/cidadã na pandemia. Finalmente, através deste Trabalho de Conclusão de Curso, sonho e projeto as possibilidades de atuação enquanto futura arte/educadora.

Palavras-chaves: Educação patrimonial; Educação Ambiental; Ensino de Artes

RESUMEN

El presente trabajo tiene un carácter autobiográfico, abordando cómo fue mi constitución como artista, investigadora y educadora. Desde un memorial, presento mi trayectoria artística y académica, tanto en las artes visuales, como en la música, la artesanía y sus intersecciones. Trabajando directamente en la escuela desde 2006, por medio de políticas públicas del Gobierno Estatal y Municipal, he desarrollado varios proyectos educativos en la comunidad de Povoação da Barra - São José do Norte - RS, lugar que he elegido mi hogar, presento las acciones pedagógicas y solidarias allá desarrolladas trazando conexiones interdisciplinarias con referencias teóricas de la educación ambiental, la educación patrimonial y la educación artística. También apporto acciones y reflexiones en como ser artista/educador/ciudadano en la pandemia. Finalmente, a través de esta tesina, sueño y proyecto las posibilidades de actuación como futura arte/educadora.

Palabras clave: Educación Patrimonial; Educación Ambiental; Enseñanza de las Artes

LISTA DE FIGURAS

01. Imagem do tambor que reproduzíamos no mimeógrafo e depois pintávamos	12
02. Girafas de Metal, fotografia, s.d.....	14
03. Ensaio do Projeto “Dance e Viva” na Escola Silvério da Costa Novo.....	24
04. Camiseta do Projeto “Dance e Viva”	24
05. Confraternização do Projeto “Dance e Viva Mais” na Sede do Esporte Clube Barrense.....	25
06. Projeto “Dance e Viva Mais” na APAE de São José do Norte	25
07. Processo inicial da confecção das placas: serrar, montar e lixar	29
08. Processo de pintura e instalação na frente de residência de morador da comunidade.....	30
09. Placas colocadas às margens da prainha na Povoação da Barra.....	30
10. Placas colocadas na Povoação da Barra	30
11. Quadro decorativo feito pela autora com material reciclável.....	31
12. Processo de confecção, organização e distribuição das máscaras de proteção.....	35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A\RT - Artist Research Teacher

ILA - Instituto de Letras e Artes

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

FURG - Fundação Universidade Federal do Rio Grande

MEC - Ministério da Educação

PBP - Pesquisa Baseada na Prática

PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MEMORIAL: Lembranças Artísticas, o início da educadora nos caminhos da arte	12
2.1 Conexões teóricas.....	18
3. PROJETOS: Agregando Pessoas e Saberes	22
3.1 Projeto “Dance e Viva”: a arte da dança no resgate da autoestima e da vida saudável	23
3.2 Projeto “Emplaque essa Ideia”: aplicando a Educação Ambiental na comunidade através da comunicação visual	26
3.3 Projeto “Uma Coisa Noutra Coisa”: Arte reciclável, do lixo ao Luxo	31
3.4 Projeto “Tarde Cultural”: primeiro contato com tintas, cores e formas de fazer arte	32
3.5 Projeto “Máscara Solidária”: costurando o bem sem olhar a quem.....	34
3.6 Projeto “Sons Pandêmicos”: mantendo a sanidade mental em tempo de pandemia através da música.....	36
3.7 Projetos futuros.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
5. REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, requisito obrigatório para a minha graduação, tem um caráter autobiográfico, no qual relato como foi a minha constituição como artista, pesquisadora e educadora.

O patrimônio histórico e ambiental da comunidade da Povoação da Barra do município de São José do Norte-RS são elementos essenciais no desenvolvimento de diversos projetos elaborados e executados por mim ao longo de vários anos de convivência com os nativos dessa humilde vila de pescadores, que um dia, no século passado, foi de extrema importância para o crescimento da própria São José do Norte, como também no desenvolvimento da cidade do Rio Grande, quando ainda aqui se estabeleciam as Capitânicas da Marinha (até 1920) e a Praticagem da Barra, que, até a segunda Guerra Mundial era responsável pela comunidade, mudando-se para a cidade portuária, deixando a comunidade barrense em total abandono.

Esta pesquisa apresenta as ações educativas voltadas às questões de pertencimento dos nativos, oferecendo, através da arte, o reencontro com suas raízes.

No primeiro capítulo, a partir de um memorial, relato minha trajetória artística e acadêmica, tanto no âmbito das artes visuais, da música, das artesanias e suas diferentes intersecções, apresentando brevemente os teóricos que embasam minhas ações educativas e culturais.

Trabalhando diretamente em sala de aula desde 2006, por meio de políticas públicas do Governo Estadual e Municipal, desenvolvi projetos artísticos e ambientais de cunho educacional na comunidade da Povoação da Barra – São José do Norte – RS, local que escolhi tornar meu lar. No segundo capítulo, apresento as ações pedagógicas e solidárias ali desenvolvidas traçando conexões interdisciplinares com referenciais teóricos da educação ambiental, da educação patrimonial e do ensino de artes. Também trago ações e reflexões de ser uma artista/educadora/cidadã na pandemia.

Finalmente, para concluir esta narrativa, sonho e projeto as possibilidades de atuação como futura arte/educadora.

1.1 MEMORIAL: Lembranças Artísticas, o início da educadora nos caminhos da arte.

Tambor... é a primeira imagem que me vêm à lembrança quando penso em que momento eu tive meu primeiro contato com a arte. Não lembro de muita coisa da minha infância, talvez não queira lembrar, sei lá, mas as que lembro são bem marcantes e vívidas na minha memória.

Eu devia ter uns cinco ou seis anos, mas minha memória olfativa quase pode sentir ainda o cheirinho de álcool do mimeógrafo. Eu e minha irmã com o mesmo desenho para pintar: um tambor (figura 1).

Figura 1 – Imagem do tambor que reproduzíamos no mimeógrafo e depois pintávamos.



Fonte: acervo pessoal da autora

Não sei bem o porquê, mas minha tia/mãe ia uma vez por mês à Porto Alegre, na Faber Castell, e voltava cheia de material escolar. Com certeza era doação de alguém, pois não tínhamos condições financeiras de comprar aquelas coisas. Eram muitos lápis grafite, caixas de lápis de cor, canetas hidrográficas, borrachas, réguas, e, canetinhas hidrocor. Ahhh as canetinhas eram meu xodó. Para época, as cores eram diferentes, e eu ficava encantada com a variedade.

Mas, voltando ao tambor, minha primeira lembrança. Eu gostava de pintar forte, fazia os contornos com a canetinha hidrocor e preenchia com lápis de cor no mesmo tom, também pressionando bem o lápis na folha para ficar bem forte, inclusive molhava a ponta do lápis de cor com a língua para a cor ficar mais forte. Minha irmã, ao contrário de mim, pintava fraquinho, e eu achava aquilo muito pálido.

E nos anos seguintes em que estudamos juntas, ela sempre pedia pra que eu fizesse as capas dos trabalhos, pois eu era criativa e inventava umas capas diferentes. Eu ainda

não tinha noção que a arte estava tão intrínseca em mim.

Ainda na infância, lembro de ir muitas vezes à casa do meu tio/padrinho, que era advogado; uma casa linda e clássica, de dois andares no centro da cidade. Como era criança, tudo parecia lindo, tudo era novidade. Mas o que é mais forte na lembrança que tenho desta casa nem era o luxo, mas uma linda escadaria em caracol que lembro sempre de subir engatinhando. Quando chegava no segundo andar, sempre sentia um cheiro diferente, que vinha de um dos quartos. Era o quarto do Senhor Carlos Moreira, que morava com a família do meu tio/padrinho, na época um jovem pintor, desenhista, e, o cheiro que eu sentia era dos tubos de tinta a óleo que ele pintava, mas só depois de muitos anos pude identificar essa outra memória olfativa.

Por coincidência, ou destino, hoje moro na casa que foi da família dele, na Povoação da Barra, que data de 1864 de sua construção. Ele também era o benfeitor da Irmandade de Nossa Senhora de Boa Viagem nas décadas de 40, 50 e 60, sendo o responsável pela construção do salão de bailes da igreja.

Nos meus cadernos sempre rabiscava desenhos, paisagens e sempre gostei de lidar com tintas e cores.

Outra forte lembrança que tenho, é de quando criança fazia meus próprios brinquedos. Como comentei anteriormente, não tínhamos condições financeiras para comprar brinquedos, o dinheiro era certinho para as despesas do mês, e comprar brinquedos não estava na lista de prioridades.

Hoje, entendo o porquê de eu gostar tanto de decoração e tipos de casas e coisas desse tipo. Eu pegava uma caixa de sapato para usar como casa, fazia com tesoura as janelas e portas, fazia cortininhas de tecido e, os móveis eram todos feitos com tampinhas, caixa de fósforos, palitos..., mas o ponto alto da brincadeira eram os moradores, que eram mini bonequinhos, muito baratinhos que eram vendidos em balaies numa loja de produtos de umbanda que ficava na esquina do cortiço onde morávamos.

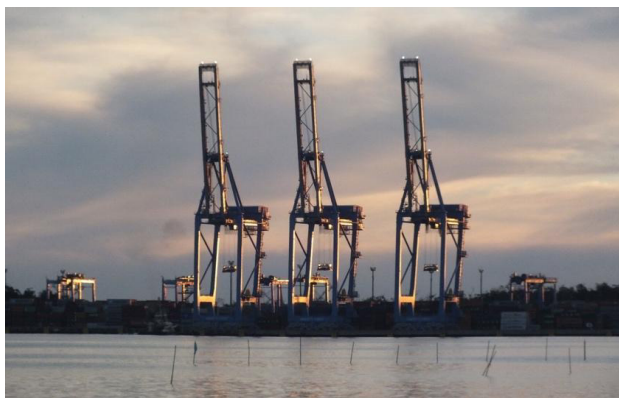
Tenho certeza que vem daí o fato de hoje eu gostar tanto de trabalhar com **arte reciclável**, além da questão ambiental, claro. Talvez tenha começado aí minha arte de costurar, pois, eu fazia as minúsculas roupinhas dos pequenos moradores das minhas casas de caixas de sapatos.

Na adolescência aprendi outra arte: a da **costura**, autodidata, outra paixão que tenho até hoje. Aprendi por gosto, mas também por necessidade, pois na época eu comecei a trabalhar como modelo de passarela e campanhas publicitárias, mas não tinha dinheiro

para comprar roupas da moda como as outras modelos, na maioria filhas de empresários da cidade, então, eu aprendi a confeccionar minhas próprias roupas.

Escrevia poemas, muitos. Na maioria deles retratava minhas mágoas de adolescente, minha criação bastarda, minha verdadeira origem, (só vim a saber depois de adulta minha ancestralidade indígena, talvez eu seja uma das centenas de netas do Cacique Raoni, pois nasci em Belém do Pará.) com rimas intensas e profundas. Mas também escrevia sobre minha querida Povoação da Barra e seus encantos (figura 2).

Figura 2 – Girafas de metal, fotografia, s.d.



Fonte: acervo pessoal da autora

Girafas de Metal

Fico aqui a te olhar
Viajo no tempo
E sempre estão lá
Do amanhecer ao entardecer
Te vejo da minha janela
Estou no lugar certo
No meu lugar, a observar
Tua presença ao longo do tempo
Às vezes inquieta, vibrante e iluminada
Às vezes só monumento
Luz e imaginação
Piscando e avisando
No horizonte próximo
Sua imagem imortal, ao contrário do Farol
Se transforma através do tempo
Sempre lá, me observando, as girafas de metal.
(Simone Leite, maio/2005)

Nessa época, também fazia pulseirinhas de macramê e também entalhes em madeira.

No auge dos anos 1980 e da ginástica aeróbica, o cinema era diversão certa, e, um dos filmes que estavam entre os melhores era *Flash Dance*, o que me levou à arte da **dança**. Comecei com balé clássico na Academia de Dança Ensaio, na primeira sede, na Benjamim Constant, mas logo vi que o *street jazz*, outra modalidade, era mais interessante e comecei a praticar a dança, o que voltaria a praticar muitos anos depois no Projeto Dance e Viva na Povoação da Barra, que mencionarei com mais detalhes no próximo capítulo.

Ainda adolescência descobri outra arte: a **música**, que me acompanha até hoje. Comecei cantando Secos e Molhados à capela a pedidos dos amigos que diziam que eu tinha uma bela voz. Então eu cantava pra eles dormirem quando chegávamos das festas. É divertido lembrar disso. E tive participação em várias bandas depois disso, de MPB e de rock, meu estilopreferido.

Embora tendo ingressado na Universidade já tardiamente, sabia desde sempre que minhas aptidões estavam nas humanas e não nas exatas, e, na década de 1990, no ano de 1992 para ser mais precisa, prestei vestibular para, na época, Educação Artística, hoje Artes Visuais. Fiz o Teste de Aptidão, obrigatório na ocasião, e passei com mérito, mas não cursei. Viria a cursar bem mais tarde.

A Povoação da Barra está presente em todas as fases artísticas da minha vida. Tive uma infância cheia de aventuras, e, onde comecei a me interessar também por **antiguidades**, exatamente na casa onde moro hoje, que, até os anos 1980 ainda mantinha um lindo sótão, com dois quartos e uma sala, já depredados pelo tempo, mas tinha fascínio por brincar no meio da poeira, cheia de objetos centenários, como livros antigos, porta tinteiros, uma coleção quase completa da revista Cruzeiro (as quais eu adorava ler, e onde tive meu primeiro contato com a técnica de desenho de charge do personagem Amigo da Onça). Oratórios de madeira e adornos de igreja, esculpidos em madeira vazada, ferros de passar com carvão, vidrinhos de remédios escritos com *pharmacia* de mais de cem anos, cavaletes cheios de cupim, lanternas antigas de navios da época que não existia luz elétrica e as lanternas eram com velas e vidros de cristal para aumentar as chamas, como existe em volta da lâmpada do farol, e, telas, muitas telas, pintadas ou com esboços do Sr. Moreira, que, como já havia comentado, a casa onde moro era da família dele. Infelizmente, por falta de conservação, muita coisa se perdeu.

Havia estátuas de duas índias, uma delas que sobreviveu ao descaso e de vandalismos, ficou na minha família por muitos anos, assim como balas de canhão remanescentes de canhões que ficavam na margem da praia (a Povoação da Barra é considerada ponto estratégico pela Marinha, onde já teve sua primeira sede, assim como a Capitania dos Portos até 1920, quando abandonaram a Povoação, migrando para a cidade de Rio Grande).

Muitos dos itens que conseguimos salvar minha tia/mãe doou para o Museu Histórico de São José do Norte, que inclusive encontra-se fechado há vários anos. Dentre esses itens constam a índia e as balas de canhão. No entanto, ainda tenho alguns itens centenários comigo, os quais conservo e guardo com todo carinho: um porta tinteiro, duas lanternas com vidros de aumento, um ferro de passar roupa à carvão, boias de vidro (os pescadores antigamente usavam enormes bolas de vidro nas redes), prateleira com espelho para se barbear, mesa “retrátil” de cozinha, uma prateleira porta garrafas. Daí o interesse por **restauros**.

A Praticagem da Barra também começou por aqui, transferindo-se para Rio Grande em 1945. Meu padrinho, aquele que era advogado, foi um dos fundadores e um dos práticos de barra, e, meu padraсто se aposentou pela mesma Praticagem como mestre das lanchas que levam os práticos para os navios. Tudo na Povoação da Barra está relacionado com alguma parte da minha vida. É um sentimento de pertencimento que não sinto em nenhum outro lugar.

As belezas daqui são sempre tema de inspiração, seja na pintura, na escultura, na arte reciclável e na questão ambiental. O Farol, a Atalaia, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem e o Molhe Leste estão intrinsecamente na minha arte e na minha vida. Minha relação com este lugar vai além do simples fato de ter passado uma infância feliz, e de mais tarde o ter tornado meu lar.

Desde bem pequena lembro da minha tia/mãe nos levando aos finais de semana para a Barra. As festas da Nossa Senhora da Boa Viagem não perdíamos uma, até porque ela ajudava na cozinha da igreja, descascando batatas para a salada de maionese e batatas fritas servidas durante os festejos. As batatas fritas eram vendidas nos bailes, e, a salada era servida nos almoços de domingo, sempre churrasco de carne e galetto, tradição gastronômica do lugar. Mais tarde eu e minha irmã também ajudávamos na função da cozinha, mas eu gostava mesmo era de ajudar na decoração do salão de baile.

No teto do salão antigo (hoje é um ginásio de futsal onde também se realizam os

bailes), eram colocadas enormes redes de pesca de nylon, onde ficavam suspensos figuras marinhas como peixes (tainhas, corvinas, linguados, bagres: peixes locais), camarões, siris, conchas, estrelas do mar, tudo feito em isopor forrado com papéis coloridos e brilhantes. Ficava encantada e orgulhosa de fazer parte daquilo tudo. Ajudava também na confecção e colocação dos cetins nos andores dos santos da igreja que saíam em procissão no domingo.

O baile principal, aos sábados, era esperado com ansiedade por todos, sempre com uma banda de fora como atração principal. Todo mundo comprava roupas novas para a ocasião, menos nós. Nunca tínhamos roupas novas, a não ser quando recebíamos roupas de nossas primas de Porto Alegre que nos doava quando não serviam mais nelas. Sempre foi assim. Enfim, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem também se confunde com minha história de vida.

O Farol da Barra é outro monumento histórico que também está intimamente ligado à minha formação artística. Minha arte sempre está ligada a este lugar. Minhas pinturas, esculturas e arte reciclável, sempre têm retratado o farol, que têm todo um significado lúdico. Já construí uma réplica do farol, apenas com centenas de tampinhas de garrafa pet, que iriam para o lixo, e, depois da obra pronta e devidamente registrada, doe as tampinhas para um projeto social que transforma a doação de tampinhas em cadeiras de rodas e ração para cachorros e gatos de rua. Este projeto me deu muito trabalho, mas também muita satisfação.

Trabalho, também e bastante com conchas da praia do Mar Grosso nas minhas construções artísticas.

Os projetos artísticos e ambientais que criei, foram todos pensados para serem implantados aqui na comunidade da Barra, inclusive, o fato de estar cursando licenciatura em Artes Visuais vêm da vontade de dar aulas na Escola Silvério da Costa Novo, um local de aprendizado e incentivo a novas ideias, onde minha filha estudou quando vim morar aqui de vez, há quinze anos.

Neste lugar foi também onde comecei minha história com a **dança**. Em 2006, quando nos mudamos definitivamente para a comunidade, apareceu uma oportunidade de dar aulas de dança na escola e minha filha pediu para que eu ministrasse essas aulas. Começa aí o Projeto Dance e Viva, que vou descrever no próximo capítulo.

Envolvida diretamente com a escola, desenvolvi outros projetos, para ajudar no dia a dia das famílias da comunidade, como o projeto “Tarde Cultural”, “Emplaque essa

Ideia”, que é um projeto ambiental, e, mais recentemente, o Projeto “Máscara Solidária”.

Em capítulo posterior, descreverei com mais detalhes sobre os projetos mencionados, e, como resultaram na comunidade.

1.2 Conexões Teóricas

Pesquisando sobre minha relação com a comunidade e, o que me fez cursar Artes Visuais, volto em 2006, quando comecei a trilhar os caminhos das salas de aula, nos projetos do governo, como o “Mais Educação”, “Escola Aberta” e “PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil)”, com aulas de teatro e dança, descobri a **a/r/tografia** (a/r/t: artista/pesquisador/professor).

De acordo com Rita Irwin, criadora do método a/r/tográfico, “a/r/tografia é uma Pesquisa Viva um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (IRWIN, 2013, p.28), que abrange as práticas do artista (artista visual, dançarina, cantora etc.), da educadora (licencianda em Artes Visuais) e da pesquisadora (construção do conhecimento) a ponto de “quem se é torna-se completamente emaranhado naquilo que se sabe e faz” (SUMARA; CARSON, 1997, p. XVII *apud* IRWIN, 2013, p.28).

Nos projetos que venho realizando junto à comunidade da Povoação da Barra, procuro fazer intervenções artísticas, visuais, sonoras etc. de forma a tornar-me completamente emaranhada naquilo que faço e acredito. Assim, consigo ver na prática o resultado destas intervenções na comunidade, dando suporte e embasamento das minhas teorias, num contexto temporal, espacial, cultural e histórico.

Como artista/pesquisadora/professora, sei que a imagem visual é uma fonte de informação que pode valer por mil palavras, como no caso do Projeto “Emplaque essa Ideia”, no qual procuro, através de mensagens em placas colocadas em diferentes pontos da comunidade, coibir o descarte indevido de lixo e transformar atos de descaso em preocupação com o meio ambiente.

Para Irwin (2009):

A/r/tógrafos pretendem retratar forma nova e atraente e façam a diferença para a comunidade que vivem [...] estão preocupados invariavelmente sobre como suas intervenções afetam os outros e a si mesmos. (IRWIN (2009, p.32-34 *passim*))

A partir desse entendimento sobre a fotografia também consegui me situar na importância dos projetos criados por mim para tentar mudar a realidade da comunidade barrense.

Embora os projetos fossem acontecendo de forma natural, conforme via a necessidade de que eles fossem criados, ainda não tinha entendimento da sua dimensão pedagógica. Formas diferentes de experimentação e aprendizado surgiram a cada projeto criado de forma a vivenciá-los intensamente:

Viver a vida de um artista que também é um pesquisador e professor e viver uma vida consciente, uma vida que permite abertura para a complexidade que nos rodeia, uma vida que intencionalmente nos coloca em posição de perceber as coisas diferentemente. Artistas-pesquisadores-professores são habitantes dessas fronteiras ao re-criarem, re-pesquisarem e re-aprenderem modos de compreensão, apreciação e representação do mundo. Abraçam a existente mestiçagem que integra saber, ação e criação, uma existência que requer uma experiência estética encontrada na elegância do fluxo entre intelecto, sentimento e prática. (IRWIN, 2009, p. 1)

As conexões teóricas estabelecidas entre a prática e a teoria, através da fotografia, possibilitou o entendimento da dimensão pedagógica dos projetos que desenvolvo na comunidade, ao mesmo tempo que compreendi o espaço e a importância da **educação não formal** em uma comunidade, para além das demandas da escola, pois como afirma Trilla (2008):

O marco institucional e metodológico da escola nem sempre atendem a todas as necessidades e demandas educacionais, daí a necessidade de criar, paralelamente à escola, outros meios e ambientes educacionais, que não devem ser vistos como opostos à escola, mas como complementares a ela. Esse tipo de proposta e abordagem de discurso pedagógico começa a se expandir a partir da segunda metade do século XX, em decorrência de vários fatores sociais, econômicos, tecnológicos, ambientais, etc. (TRILLA, 2008, p.18-19)

A educação não formal se aplica em vários âmbitos da vida para além dos conteúdos acadêmicos, trazendo como enfoque o lazer, a saúde, a educação ambiental, a cidadania, a comunicação visual, a educação patrimonial, a educação social etc. As atividades de educação não formal de acordo com Coombs (1968, p.19): “são atividades que se organizam intencionalmente com o propósito expresso de alcançar determinados **objetivos educacionais e de aprendizagem**”.

No âmbito do **lazer e saúde**, desenvolvi o Projeto “Dance e Viva”, no qual, além de trabalhar o cuidado com nosso corpo e mente, desenvolvo também uma consciência

corporal, equilíbrio, bem-estar, autoestima, manutenção do cérebro ativo para decorar coreografias de vários ritmos, bem como no Projeto “Sons Pandêmicos”, levando a arte damúsica, para a vida de confinamento e distanciamento social.

No âmbito da **educação social e ambiental**, desenvolvo os projetos “Emplaque essa Ideia”, que, através da **comunicação visual** educa para a **preservação** do meio em que se vive, mostrando também a visão global da situação ambiental, bem como nos projetos futuros, em um dos quais pretendo elaborar um folheto (produto educativo deste trabalho de conclusão de curso), com informações dos **patrimônios históricos**, trazendo legitimidade e sentimento de pertencimento à comunidade barrense.

No âmbito da **solidariedade e empatia** desenvolvi o Projeto “Máscaras Solidárias”, ação fundamental para um momento sanitário tão delicado e pelo qual sobrevivemos ao apostar em ações pelo coletivo e bem-estar comum.

No âmbito **cultural**, com trabalhos de arte, pintura, escultura e desenho, nos quais trabalho representatividade e cultura com as crianças da comunidade no turno inverso ao da escola formal.

Como **educadora social**, me encontrei na fala de Gohn (2010, p. 50), para quem o educador social exerce um papel **ativo, propositivo e interativo** que deve continuamente desafiar o grupo de participantes para a descoberta de contextos escritos, falados, gestuais, gráficos, simbólicos, de forma a serem sujeitos importantes na dinâmica e na construção de um processo participativo de qualidade.

Segundo a pedagogia de Paulo Freire, há três fases bem distintas na construção do trabalho do educador social: elaboração do diagnóstico do problema e suas necessidades; elaboração preliminar da proposta de trabalho propriamente dita e o desenvolvimento e complementação do processo de participação de um grupo ou toda a comunidade de um território, na implementação da proposta, ajudando a construir espaços de cidadania no lugar de atuação.

No caso dos jovens e adolescentes, é direito assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) sua livre expressão e o acesso aos bens culturais, no entanto, sabemos que limitações econômicas e “a ampliação de referências estéticas favorece a compreensão acerca do mundo ao permitir que o jovem **reflita e se posicione criticamente** diante dele” (CARVALHO, 2009, p. 299)

Os diferentes âmbitos de atuação apontados anteriormente demonstram como a relação educadora/educandos gera influência no meio pela ação educativa, de forma que

o meio condiciona a ação e exerce influência educativa no educando, e, o educador também influencia e é influenciado pelo meio, num moto-contínuo de ensino-aprendizagem para e com todos os seus sujeitos. Desta forma, reafirmamos pela práxis o que defende nosso mais renomado pedagogo: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 79).

2 OS PROJETOS: agregando pessoas e saberes

“Para formar um cidadão é preciso começar a informá-lo e introduzi-lo nas diferentes áreas do conhecimento. A insuficiência de informação reforça as desigualdades, fomenta injustiças e pode levar a uma verdadeira segregação. Aquele que não têm acesso ao ensino, a informação e as diversas expressões da cultura *latu sensu* são, justamente, os mais marginalizados e excluídos da sociedade. Os projetos de educação não formal podem e devem ser espaços cuja a intencionalidade seja a garantia da cidadania, dos direitos humanos e da inclusão social.” (*Efigênia Maria Dias Costa, em seu resumo do artigo “Formação de Professores em Espaços de Educação não formal” UFB\PROBEX*).

Por vários anos, fazendo todo o tipo de atividade artística na comunidade, não me dava conta do tesouro material e imaterial com o qual estava tendo contato diariamente.

Sempre tive verdadeira paixão pela Povoação da Barra, e, embora não tenha nascido na comunidade, sempre tive um elo muito forte com tudo que dizia respeito a ela. Não têm coisa mais linda pra mim, do que ver uma lua cheia, alaranjada e enorme surgindo ao lado do Farol da Barra, ou esta mesma lua nascendo na praia do Mar Grosso, aos pés do Molhe Leste. Ou subir na Atalaia e não se maravilhar com a vista panorâmica da povoação. Também me emociona toda carga de fé dos nativos com a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, sua festa em louvor, procissão, missas e tríduos, os quais sempre participei desde bem pequena. “Rato de praia”, sempre me indagava o que poderia fazer para melhorar as condições de higiene e descarte de lixo indevido pelos moradores e pescadores da região, pois sempre via muito lixo nas minhas andanças pela comunidade a caminho da praia.

Me incomodava da mesma forma, o fato de ver tantas crianças ociosas no contraturno escolar, com tanto material humano para desenvolver coisas incríveis, que poderiam refletir positivamente no seu futuro.

Aos poucos as ideias foram surgindo, e eu nem imaginava já estar trabalhando com **educação não formal**, **arte educação**, **arquitetura**, **educação ambiental** e **educação patrimonial**, termos que só vim a conhecer bem mais tarde quando entrei para universidade pública através do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para o curso de Artes Visuais, Licenciatura, em 2015.

Embora já houvesse prestado vestibular lá nos idos de 1992 para, na época Educação Artística, e passado com louvor no TA (Teste de Avaliação), não cursei por motivos particulares, e, hoje entendo que as coisas aconteceram no momento certo.

Talvez o fato de, por toda minha vida ter me sentido uma “estranha no ninho”, com dúvidas em relação a minhas verdadeiras origens, e, descoberto tardiamente minha ancestralidade indígena (talvez eu seja uma das centenas de netas do Cacique Raoni), inconscientemente eu transferi esse cuidado com a natureza, com o meio ambiente e com meu povo, no caso, meu sentimento de pertencimento que sempre me ligou a Povoação da Barra, embora eu tenha nascido do outro lado do país, mais precisamente em Belém do Pará, e ser minha mãe biológica uma indígena que meu pai (que até pouco tempo pensava ser meu tio) teve um relacionamento enquanto trabalhava em uma firma nas vilas ribeirinhas, e que com seis meses de idade, minha mãe biológica veio pro sul atrás de meu pai e deixou eu e minha irmã, um ano mais velha, aqui no sul, onde fomos criadas por uma tia, irmã do meu pai biológico. Infelizmente, ele faleceu em 1981, sem que nós tivéssemos ficado sabendo da sua paternidade, o que só veio a ser do nosso conhecimento já adultas e após muitos traumas e mágoas acumulados ao longo dos anos. Transferi tudo isso para o conhecimento e estudo.

Nos capítulos a seguir, desenvolvo com detalhes os projetos que fui implantando com o tempo, demonstrando seus resultados reais e efetivos para o cotidiano da comunidade.

2.1 Projeto “Dance e Viva”: a arte da dança no resgate da autoestima e da vidasaudável.

O projeto “Dance e Viva” foi inicialmente desenvolvido pela escola Silvério da Costa Novo, onde comecei meu contato direto com escolas no Projeto “Escola Aberta” e “Mais Educação” do Governo Federal em 2006, inicialmente com o nome de “Quem não dança na escola, dança na vida”, da professora de Arte Rosangela Moura Samaniego, que visava o desenvolvimento de uma disciplina extracurricular para ajudar na atividade físicos dos alunos.

Como o projeto inicial era apenas como uma disciplina extracurricular, após a saída da professora Rosangela, desenvolvi coreografias que trabalhavam a consciência corporal dos alunos, bem como o equilíbrio e memória cognitiva através das coreografias baseadas em ritmos de diversos estilos. Nasce aí o Projeto “Dance e Viva” (figura 3).

Figura 3 - Ensaio do projeto “Dance e Viva” na Escola Silvério da Costa Novo.



Fonte: acervo pessoal da autora

Com o sucesso das aulas, formamos um grupo que tinha uniforme (Figura 4) e nos apresentávamos em diversos eventos de São José do Norte, inclusive num festival de dança no Teatro Municipal de Rio Grande, no qual fomos muito aplaudidos.

Figura 4 - Camiseta do projeto “Dance e Viva”, também na cor preta com estampa rosa.



Fonte: acervo pessoal da autora

Ainda com o projeto na escola, apenas para as crianças, as mães dos alunos, vendo o progresso e a alegria dos filhos com as aulas, começaram a pedir aulas também para os adultos.

Com essa ideia na minha cabeça, criei o Projeto “Dance e Viva Mais” (figura 5 e 6), onde as aulas eram ministradas no salão do Esporte Clube Barrense, cedido pela comunidade para a realização das aulas. As aulas eram destinadas inicialmente às mães

que queriam dançar, mas, depois com a enorme adesão, foi aberto à comunidade em geral, visando tirar o pessoal da vida sedentária. Deu muito certo, cheguei a ter quarenta mulheres dançando ao mesmo tempo.

Figura 5 – Confraternização do Projeto “Dance e Viva Mais” na sede do Esporte Clube Barrense



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 6 - Projeto “Dance e Viva Mais” na APAE São José do Norte



Fonte: acervo pessoal da autora

As aulas nos projetos do governo eram uma vez por semana no contraturno escolar, e, as aulas no Esporte Clube Barrense eram duas vezes por semana, com uma hora e meia de duração.

As aulas começavam sempre com alongamento, seguido por músicas coreografadas com ritmos específicos, exercícios de solo, alongamento final e relaxamento.

O projeto “Dance e Viva” foi desativado em 2016, por eu não estar conseguindo conciliar a faculdade de Artes Visuais com o projeto, pois os dois eram realizados no período vespertino.

Já o Projeto “Dance e Viva Mais”, realizado com mães de alunos, donas de casa e esposas de pescadores, teve suas atividades suspensas em função da pandemia de COVID-19, mas, a pedido da comunidade, deve retornar assim que for seguro para todas.

Trabalhar com música e dança melhora a sensibilidade, o raciocínio lógico, a concentração, a disciplina, a expressão corporal e desenvolve o respeito e convívio social, explorando aspectos cognitivos, afetivos e emocionais, combatendo a violência e a exclusão social. Pois como afirma Carvalho (2009):

Para os educandos, as modalidades que possam vir a ser espetáculos também apresentam pontos vantajosos, pois, para eles, aparecer confere notoriedade. Passam a ser conhecidos na vizinhança, na escola e até os familiares lhes dão mais importância. Realizar algo considerado digno de ser mostrado e aplaudido, faz eles se sentirem mais seguros e aprovados. (CARVALHO, 2009, p. 301)

2.2 Projeto “Emplaque essa Ideia”: aplicando a Educação Ambiental na comunidade através da comunicação visual.

Os primeiros registros da utilização do termo “Educação Ambiental” data de 1948 no encontro da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) em Paris. (mais informações: <<https://www.mma.gov.br>>). De lá pra cá, muitos encontros e conferências aconteceram em nome da preservação do meio ambiente em todo o mundo. Mas, apesar de na teoria já sabermos o que fazer, na prática infelizmente o sistema capitalista e imediatista não acompanha essa linha de raciocínio.

Este projeto surgiu, após constatação da situação ambiental precária da comunidade barrense, para provocar reflexões sobre a relação do ser humano com o ambiente em que está inserido, despertando uma consciência local e planetária.

Na Povoação da Barra, antigamente, assim como em outras comunidades, o lixo era descartado de forma rudimentar e sem nenhuma preocupação com o meio ambiente. Uma carreta, puxada a bois e, mais tarde, uma carroça puxada a cavalos, recolhia o lixo de casa em casa, e este lixo era descartado e enterrado nas dunas da praia do Mar Grosso.

Dunas estas, que são “móveis”, ou seja, se deslocam conforme o vento, fato que constatei *in loco*, pois em inúmeras vezes em que fui à praia para aproveitar suas belezas naturais, via, com enorme tristeza pelo caminho, antes de chegar à beira-mar, muito lixo residencial, como sacolas plásticas, embalagens, e, até móveis e eletrodomésticos grandes como um sofá e uma carcaça de geladeira.

Em uma destas idas à praia, um brilho intenso em meio a enorme duna chamou a minha atenção. Minha curiosidade artística levou-me até aquela duna, e o que na minha imaginação poderia ser alguma garrafa antiga ou algo do gênero, era, para minha surpresa e decepção, uma montanha de lixo, que, com o tempo, e, o deslocamento natural da areia, estava ficando à mostra.

Uma duna, quase em sua totalidade, feita de lixo. Isso literalmente me tirou o sono, e, nas horas mal dormidas, ficava pensando em uma maneira de fazer algo para pelo menos amenizar uma situação de total falta de consciência ambiental da comunidade, com uma atitude descuidada e desrespeitosa com o meio ambiente passada de geração em geração e resultando na depredação de um lugar paradisíaco.

Eu sabia que não conseguiria remover todo aquele lixo, indevidamente descartado e depositado através de décadas naquela praia. Mas sabia que acharia uma maneira de ajudar às gerações futuras a preservar o planeta, começando pelo ambiente da comunidade em que estão inseridos, passando uma ideia de pertencimento local.

De acordo com Ribeiro e Lima: “Lixo é um conjunto de elementos abandonados após seu uso, e, pela forma como é tratado, torna-se um agente agravante das condições ambientais, pois gera sujeira, repugnância, pobreza, falta de educação e outras conotações negativas.” (2000, p.50)

Educar brincando foi a primeira estratégia que tracei, pois pensei ser o mecanismo mais apropriado para trabalhar com a faixa etária das crianças que era a maioria entre os moradores locais, entre 6 e 12 anos de idade, com as quais eu tinha contato quase diário.

Com um propósito em mente, e, muita vontade de ajudar a mudar, me armei de luvas descartáveis, um carrinho de feira forrado com um enorme saco de lixo, e, fui para as ruas da comunidade recolhendo o lixo que via nas ruas, aquele que o lixeiro não leva

por estar espalhado nas vias.

Não demorou cinco minutos para que a primeira criança se aproximasse com muito interesse pelo que se passava. Para ele, uma cena incomum, pois estava acostumada a ver seus pais jogando pela janela do ônibus ou lancha, as embalagens dos lanches que eles terminavam de consumir. Com a mesma curiosidade, outras crianças também foram se aproximando.

Levei comigo uma folha A4 impressa com imagens lúdicas do lixo no meio ambiente, e, quanto tempo cada material levava para se decompor no mesmo. Contava histórias em que os personagens em algum momento se deparavam com algum tipo de lixo em seu contexto dentro dessa narrativa, como: no mar, praia, num campinho de futebol (passamos por um e pude exemplificar *in loco*), dentro de suas casas, na escola, enfim, em lugares comuns do dia a dia e de convívio individual e comunitário.

As próprias crianças pediram para participar da coleta improvisada, o que permiti após eles irem pedir aos pais que liberassem sua participação. Distribuí as luvas e, explicando e contando histórias, foram me ajudando e ajudando a comunidade a se transformar num local mais limpo e saudável.

Uma das crianças comentou que havia ficado bonito, mas que daqui uns dias estaria tudo sujo de novo, pois, na fala dela, os adultos iriam tornar a jogar lixo no chão. Sim, ela estava certa. Lembrei das safras de camarão, e, de como muitas donas de casa e os pescadores, jogavam as cascas de camarão junto com as sacolas plásticas no mar, o que acarretava lixo marinho e um cheiro horrível nas praias da comunidade. Lembrei também das redes de nylon, que, quando não têm mais uso, são descartadas nos trapiches, junto com tonéis de óleo diesel vazios.

Voltei para casa com o carrinho de feira cheio de lixo reciclável e descartei todo o material recolhido corretamente.

Peguei vários pedaços de madeira que havia no meu quintal, minhas tintas e pincéis. Surgindo então o Projeto “Emplaque essa Ideia”, visando coibir o descarte indevidode lixo.

Tozoni-Reis (2005), trata da educação ambiental como possibilidade de transformação da realidade, e, a pesquisa-ação participativa como meio de articulação radical entre a produção e a participação dos envolvidos, como

possibilidade de aprofundamento dos estudos que tem como objetivo a ruptura da dicotomia entre sociedade e natureza.

Visando esta transformação, serrei, lixei, dei o fundo de acordo com o desenho que eu criei, com imagens temáticas fazendo referência aos pontos turísticos do lugar e, escrevi mensagens motivadoras de educação ambiental, distribuindo-as por pontos estratégicos da comunidade (figuras 7, 8, 9 e 10).

Quando o meu material terminou, recorri a doações da comunidade, que me apoiou vendo o resultado na prática, e, de como a comunidade estava mais limpa, inclusive surgindo um sentimento coletivo de bem-estar, fazendo com que as pessoas comessem a plantar árvores e flores no entorno de suas casas.

Brandão (2003) afirma que o critério de confiabilidade de uma pesquisa não está apenas e principalmente no fundamento teórico, no emprego de métodos e na qualidade do produto final; está em todo o processo de realização, avaliando deste processo a qualidade de interação entre as pessoas envolvidas. A partir dessas ideias, podemos entender as metodologias participantes como mais uma forma de quebra de hegemonias na atividade científica, ou seja, que os processos na educação não formal utilizados por mim nas pesquisas, são válidas e confiáveis.

É um projeto de caráter permanente, visando o contínuo aprendizado na comunidade e nas escolas.

Figura 7 - Processo inicial da confecção das placas: serrar, montar e lixar.



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 8 – Processo de pintura e instalação na frente da residência de um morador da comunidade, a pedido.



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 9 – Placas colocada às margens da prainha na Povoação da Barra.



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 10 – Placas colocadas na Povoação da Barra



Fonte: acervo pessoal da autora

2.3 Projeto “Uma Coisa Em Outra Coisa”: Arte reciclável, do lixo ao luxo.

Neste projeto procuro considerar sobre a importância da reciclagem como conscientização de preservação do meio ambiente e qualidade de vida para a comunidade, transformando materiais que iriam para o lixo comum em arte ou utilitários, aumentando a vida útil de diversos materiais.

Em caráter de educação não formal, promovo o contato das crianças da comunidade com esses materiais e o produto final confeccionado. Como diz Alberto Semeler: “parece que a reciclagem localiza-se no intervalo entre estas duas posturas: transforma-se total ou parcialmente a natureza do objeto, conferindo-lhe outros valores totalmente novos, ou revelando dimensões estéticas antes não percebidas. (SEMELER, 1995, p.53)

Depois das experiências vividas na comunidade em relação ao meio ambiente, nada mais natural que, além de criar ações para coibir o descarte indevido de lixo, e, promover a separação de lixo seco de lixo orgânico, eu concentrasse o foco em **reutilizar e ressignificar** o lixo reciclável, como: embalagens, palitos de fósforo, restos de palitos de incenso, tampinhas de diversos produtos, relógios estragados, pedaços de madeira, lâmpadas, seringas, pedras, conchas, lã, arame, restos de tintas e, uma infinidade de possibilidades, em objetos de arte ou decoração.

Em todos os processos, a Povoação da Barra faz parte, me inspirando e me conectando com minhas expressões artísticas. Especialmente, o Farol da Barra (figura 11) que está presente nas minhas pinturas, nas esculturas e na arte reciclável.

Figura 11 - Quadro decorativo feito pela autora com material reciclável.



Fonte: acervo pessoal da autora

2.4 Projeto “Tarde Cultural”: primeiro contato com tintas, cores e formas de se fazer arte.

A arte é usada desde os tempos primitivos, como a arte rupestre e parental, onde os primeiros humanos fizeram os primeiros registros de sua vida cotidiana, retratando animais, caçadas, plantas, rituais...

Essa arte ajuda, ainda hoje, a reconstruir nosso passado, e, se estuda o comportamento e modo de vida dos nossos ancestrais.

Através da arte, expressamos nossos sentimentos, passamos mensagens, nos comunicamos, seja através do desenho, da pintura, da escultura, de um grafite, de um trabalho em vídeo arte, da fotografia, das artes cênicas.

Ao inserir arte no cotidiano das crianças da comunidade barrense, criei uma ponte de comunicação, natural e despretensiosa, onde pude vivenciar as mudanças de comportamento no interesse imediato da possibilidade de uma atividade lúdica que fomentava a criatividade.

Como disse Paulo Freire (1996):

a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desenvolvimento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere o alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos (FREIRE, 1996, p.18)

Se você quer chamar a atenção de uma criança (neste caso, mas vale também para adultos) comece falando sobre **arte**. Provavelmente alguém já tenha dito isso, mas essa conclusão veio especificamente por observação do comportamento humano, coisa aliás que muito me fascina. Crianças são seres extremamente curiosas e ansiosas por aprender. Sem falar que são verdadeiras “esponjas” de novidades e fantasias. Junte tudo isso com tintas, lápis, canetas e uma folha em branco. A magia acontece.

A partir de estudos práticos, a práxis educativa transforma-se em constante incentivador do desenvolvimento do educando, e, conforme Barbosa, isso permite analisar “a ideia de que a arte na educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seus sentimentos, e, a ideia de que a arte não é ensinada, mas expressada.” (BARBOSA, 1979, p.46)

Então, estava eu, sentada em meu cavalete, pintando algo, e, olhando pela grande

janela de vidro da minha sala, vi várias crianças brincando em frente à minha casa. Filhos de vizinhos e conhecidos da comunidade, que ainda brincam livremente na rua sem maiores preocupações. Uma delas “colou” o rostinho na janela e me perguntou lá da rua: - “Tia”, o que a senhora está fazendo? Sorri com a curiosidade e respondi que estava pintando, o que veio seguido de muitos “porquês”. Conforme eu ia respondendo, ia juntando mais cabecinhas curiosas do lado de fora da minha janela. Achei melhor ir até a porta satisfazer a curiosidade de todos. Pediram para entrar e, obviamente deixei que adentrassem o espaço, até o momento só meu.

Olhinhos curiosos, alguns com aquele olho na ponta do dedo, pois têm que tocar em tudo, como que para ter certeza que existe. Minha sala tem vários quadros, pequenas esculturas, cerâmicas e, arte reciclável todos feitos por mim. Ia explicando os materiais que usei para pintar os quadros e, principalmente, os materiais usados na arte reciclável, o que os deixou encantados em saber que tampinhas, palitos, cascas de árvores, sementes, relógios que iriam para o lixo, tudo se transformando em **arte**. Queriam saber tudo. Nascia então o Projeto “Tarde Cultural” com a intenção de promover o desenvolvimento estético e sensível nas crianças da comunidade, na tentativa de fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento, uma vez que:

Crianças que vivem em situação de risco geralmente têm baixa autoestima por pertencerem a comunidades pobres e incorporam várias discriminações e símbolos negativos. Portanto, é importante que se empreguem meios para favorecer o desenvolvimento tanto nos campos cognitivos quanto nos emocionais. Atividades artísticas são uma oportunidade para que essas crianças possam expressar seus sentimentos, brincar, criar, inventar, fantasiar. Para enfrentar o desafio de oferecer alternativas reais de construção de um projeto de vida, é necessário empregar uma pedagogia, como a Educação Artística, que tenha a força de interferir no plano da autoimagem e da autoestima, que os leve a desejar e acreditar na possibilidade de ultrapassar barreiras que os excluem e buscar seu desenvolvimento como pessoa e como cidadão. (CARVALHO, 2009, p.310)

Resolvi compartilhar saberes com aquela turminha cheia de possibilidades. Montei um ateliê à céu aberto na frente da minha casa, com mesinhas improvisadas com caixas de bebida e, meu material de pintura, até então de uso particular, agora de uso público. As crianças passavam a tarde pintando e desenhando, enquanto eu falava e mostrava os diferentes tipos de. Ao final de cada dia de atividade, fazíamos uma exposição dos trabalhos, pendurados em uma corda, presos com prendedores de roupas.

Comecei a fazer uma vez por semana, mas, em seguida meu material acabou, mas pude contar com a ajuda da comunidade, pedindo nas redes sociais tinta guache, lápis de

cor e folhas sulfite. O projeto está parado em consequência da pandemia de Covid-19, mas também é de caráter permanente, voltando às atividades assim que for seguro para todos.

Na metodologia do Projeto “Tarde Cultural”, dividi em quatro momentos:

- Primeiro momento: a educadora propõe o tema;
- Segundo momento: as crianças falam sobre o desenho\pintura\escultura e seu significado;
- Terceiro momento: a educadora intervém complementando informações sobre o tema numa roda de conversa;
- Quarto momento: apresentação de vídeos sobre os temas trabalhados.

Trabalhar arte com crianças ajuda a desenvolver o senso crítico, a percepção de pertença, valorizar seus bens culturais e patrimoniais. Instigar a curiosidade com argumentos e questionamentos, motiva a capacidade criadora do aluno. Dentro deste trabalho artístico, serve também como exemplo de solidariedade no uso de diferentes materiais, como no caso da arte da costura, como veremos a seguir.

2.5 Projeto “Máscara Solidária”: costurando a arte do bem sem olhar a quem.

No final de 2019, somos surpreendidos por um vírus desconhecido que nos fez rever nossos conceitos e atitudes sobre muitas coisas, principalmente na convivência em sociedade. Dúvidas, poucas informações, notícias falsas e a instauração de uma crise sanitária e política me levaram a usar a arte da **costura** para auxiliar no cuidado pessoal, com a confecção de máscaras de TNT e algodão para doação (figura 12), fazendo uma campanha nas redes sociais e na própria comunidade para arrecadar tecido de algodão e TNT para confeccionar o maior número possível de máscaras de proteção, de acordo com as normas de produção da Secretaria Nacional de Saúde.

Figura 12 - Processo de confecção, organização e distribuição das máscaras de proteção.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Confeccionei mais de mil máscaras, tendo beneficiado dezenas de famílias que, naquele momento, em início de pandemia, viram faltar nas farmácias um item de extrema importância para proteção individual e coletiva. Movida pela compaixão e generosidade, acredito como historiador e filósofo Yuval Noah Harari que:

Somos muito mais poderosos que o vírus, e, cabe a nós decidir como responderemos ao desafio. O maior risco que enfrentamos não é o vírus, mas os demônios interiores da humanidade: o *ódio*, a *ganância* e a *ignorância*. (...) mas não há necessidade de reagir propagando ódio, ganância e ignorância. Podemos reagir gerando *compaixão*, *generosidade* e *sabedoria*, (...) acreditando na ciência, cooperando com os outros, compartilhando o que temos; reagindo assim, de forma positiva, será mais fácil lidar com a crise, e, o mundo pós Covid-19 será mais harmonioso e próspero. (HARARI, 2020, p.16)

Com o passar dos meses, e, a indicação do Ministério da Saúde pela falta do produto, as pessoas começaram a comercializar em larga escala as máscaras caseiras, o que não tirou meu foco de continuar confeccionando as máscaras gratuitamente a quem realmente precisa.

Estamos num momento de transição, moral e política. Diante de um atual governo negacionista (2019-2022), que induz ao obscurantismo, numa total regressão histórica, há de usarmos todas as formas de educação, formal e não formal, para voltarmos a um iluminismo no discernimento do certo e do errado no convívio social e, restabelecer sem dúvidas, a importância fundamental da ciência para uma população saudável.

A negação da ciência por este mesmo governo, agravou, e muito, a situação financeira e de saúde pública, com atraso na compra de vacinas, bem como indicação de medicamentos sem nenhuma comprovação científica para o tratamento precoce de um vírus mortal.

A solidariedade foi palavra-chave neste período sombrio, que infelizmente ainda nos castiga, não tendo fim, por conta de uma parcela de pessoas que acreditam no negacionismo científico, se negando a tomar a vacina, de usar a máscara de proteção e, colaborando na disseminação de notícias falsas (*fake news*) sobre a prevenção.

2.6 Projeto “Sons Pandêmicos”: mantendo a sanidade mental em tempo de pandemia, através da música.

O ser humano vive em sociedade, em contato com outros de sua espécie desde que aprenderam que juntos conseguem realizar coisas, se proteger e se reproduzir. No entanto, a propagação do vírus da COVID-19, que se transformou numa pandemia global, tirou do ser humano este convívio, através do isolamento, necessário para conter o vírus, e que também acarretou doenças psicológicas graves como: depressão, ansiedade, síndromes de pânico, e, outros sintomas decorrentes desse isolamento, uma vez que:

A experiência pandêmica cria uma ruptura neste modo de estar no mundo. (...) As paredes são o limite da vida, o mundo virtual passa a ser o contato com os espaços públicos e as janelas são concretamente o que lançam nosso olhar no espaço físico do mundo exterior. (...) As janelas são essas aberturas arquitetônicas que nos deixam pensar no já vivido e nas interrogações do futuro. O confinamento permitiu que as janelas reais e virtuais se abrissem como meio de expressão artística, musical e outras formas de interação afetiva, em concertos, serenatas e performances poéticas, permitindo que a proximidade social vencesse a distância física, no mundo todo. (GUIMARÃES *et al*, 2020, p.15)

Cada pessoa lida com esses sentimentos de forma particular, e, procuram “válvulas de escape” para manter sua sanidade mental. Algumas pessoas procuram companhia física ou virtual para conversar e dividir dúvidas, incertezas, tristezas, alegrias, acontecimentos, mas isso depende muito do temperamento de cada um. Por eu ser uma pessoa muito ativa, foi complicado não poder estar em contato físico com outras pessoas, até porque meus projetos na comunidade são todos no ambiente e contato físico direto, como no Projeto “Dance e Viva”, “Dance e Viva Mais”, “Emplaque essa

Ideia” e “Tarde Cultural”.

Senti a necessidade de estar com minha música e de me expressar através dela, colocando na voz e na interpretação das músicas, projetando sentimentos. Chamei de Sons Pandêmicos pois foram clipes meus, cantando músicas cover, com recurso MID (Musical Instruments Digital) e tocando violão, filmados e editados dentro da minha casa neste período de isolamento.

De acordo com Coll e Teberosky (1999, p.103), “a música está aberta a interpretação de cada pessoa. Ela pode ser apreciada por ouvintes de diferentes povos, culturas e épocas. Por isso, muitas vezes ela tem sido qualificada como **linguagem universal**.”

Embora eu seja vocalista de duas bandas, em decorrência da pandemia não podíamos tocar em público e tampouco nos aglomerar no estúdio, então resolvi produzir alguns trabalhos musicais dentro deste contexto.

Como projeto experimental, “Sons Pandêmicos” surgiu para uma futura inserção de música; a história, os sons e ritmos; em trabalhos futuros com crianças, adolescentes e adultos da comunidade escolar e civil, servindo como base para educação não formal.

Gamba (2004) diz sobre a música como educação não formal:

Além de juntar crianças, jovens e adultos, seja para cantar, tocar um instrumento ou simplesmente ouvir e internalizar os sons e ritmos, a música possibilita aos educandos a identificação por um mesmo gênero, dando-lhes a sensação de pertencerem a um grupo e reforçar sua identidade. (GAMBA, 2004, p.27)

Segue abaixo os links dos vídeos no canal do Facebook Watch, que podem ser livremente acessados pelo público em geral.

- Cover da banda Black Pumas, música: Colors.

<https://www.facebook.com/100005303288480/posts/1926426820877409/>

- Cover da banda Secos e Molhados, música: Rosa de Hiroshima.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/videos/4347001865405369/>

- Cover de Bob Marley, música: Three Little

Birds.<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/videos/411161083747959/>

- Cover de Dido, música: Thank You.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/4431459626913539/>

- Cover de Tiê, música: A Noite.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/3058908601005165/>

- Cover da banda 4 non Blondes, música: Spaceman.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/2936164493320390/>

- Cover da banda 4 non Blondes, música: What's Up.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/1757366367783456/>

- Cover de Pitty, música: Na Sua Estante.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/1771735513013208/>

- Cover de Bob Dylan, música: Knocking in Heavens Door.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/1764187253768034/>

- Cover da banda Rolling Stones, música: Angie.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/1762022903984469/>

- Cover de ALOK, música: Hear me Now.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/1759460174240742/>

- Cover da banda The Eagles, música: Hotel Califórnia.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/1730758027110957/>

- Cover da banda Creedence, música: Long As I Can See The Lights.

<https://www.facebook.com/simone.costa.5895834/vídeos/1727164044137022/>

2.7 Projetos futuros

Quando comecei minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em Licenciatura em Artes Visuais, já com o tema definido desde o primeiro semestre, encontrei muitas dificuldades em encontrar material histórico, documentos escritos ou fotografados específicos sobre a Povoação da Barra.

Embora o local tenha se desenvolvido antes mesmo da cidade de São José do Norte, poucos registros são encontrados sobre a verdadeira história da comunidade barrense.

Digo verdadeira, pois, de acordo com documentos históricos, o famoso Almirante Tamandaré, patrono do Exército Brasileiro, teria nascido na Povoação da Barra, e, não na cidade de Rio Grande de São Pedro, como foi registrado na época.

Realmente o Almirante Tamandaré e família foram morar em Rio Grande, onde foi registrado o futuro patrono. Mas como só temos o registro em cartório na cidade de Rio Grande, é o que consta nos livros de história. Registros desse suposto nascimento na Povoação da Barra, só pelos registros orais dos nativos mais antigos, que ouviam de seus pais e avós, de como a comunidade, hoje reduzida a uma vila de pescadores, já foi uma cidade próspera, com as sedes da Capitania dos Portos, da primeira Praticagem de Barra, (inclusive, de acordo com a oralidade histórica, o pai de Tamandaré teria sido o primeiro prático mor), haviam telefônicas, cadeia da Brigada Militar, coreto, banda, e casas luxuosas dos comandantes, práticos e pessoas públicas da época.

Como uma ação comunitária de educação patrimonial almejo como projeto futuro a elaboração e distribuição de um folheto educativo sobre a região somada a atividades educativas, resgatando através de práticas artísticas e de informação a relação cidadão\estudante com o meio em que vive, uma vez que

Observamos o quanto é importante o resgate e o fortalecimento das identidades para a construção de uma sociedade mais ética, com pessoas conhecedoras de suas raízes e cientes de sua importância de seu papel na sociedade, e o consequente desenvolvimento de agentes modificadores de uma realidade de abandono e descaso. (BRANDÃO, 2005, p.27)

Através da história é possível encontrarmos a nós mesmos no nosso patrimônio, compreendendo como foram construídos e para quais finalidades, buscando a história de tão importante município da cidade de São José do Norte, negligenciado ao longo

dotempo, e, desaparecendo, como seus prédios malconservados. A história dos lindos monumentos históricos e turísticos da comunidade podem e devem ser contada nas escolas, da pré-escola ao ensino médio, trazendo um sentimento de pertencimento e conhecimento dos monumentos do seu local de convívio e aprendizado.

A exemplo de Mário de Andrade, conhecido pelos professores pela sua obra literária, e também um grande intelectual modernista do século XX, que pensou e trabalhou pelo patrimônio cultural do Brasil, sendo o autor do anteprojeto do Decreto Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 (BRASIL, 1937), no qual se organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e que posteriormente resultaria na criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tentarei fazer minha parte na luta pela conservação do nosso patrimônio material e imaterial, dando minha contribuição para preservar nossa história, pois não podemos visualizar um futuro sem nos pautarmos nos exemplos do passado.

Com o material impresso e, aulas de campo, com observação *in loco* dos monumentos, como foram e quando foram construídos e toda a história que advêm deles, passar aos alunos a vontade de conservar a sua própria história, já que infelizmente contamos apenas com o descaso do poder público com o patrimônio histórico da comunidade da Povoação da Barra. Através deste folheto, pretendo promover a conservação da memória de uma comunidade. Comunidade esta que já foi uma importante cidade, sendo primordial para o desenvolvimento dos municípios de São José do Norte e Rio Grande de São Pedro; lugar onde os navegantes que sobreviviam aos sinistros da “boca da Barra”, antes da construção dos Molhes Leste e Oeste em 1911, eram obrigados a parar para se orientarem no canal do Porto, descansar, abastecer mantimentos e seguir viagem até o Porto Velho.

No folheto, haverá, além de registros fotográficos realizados pela autora e por colaboradores dos monumentos históricos como: o Farol, a Atalaia, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, a Escola Débora de Oliveira e o Molhe Leste toda a informação pertinente aos mesmos, como as datas de construção, estilos arquitetônicos e fatos, como o guindaste Titã, equipamento francês, responsável pela colocação das enormes pedras na construção dos molhes leste e oeste, ou, a utilização de escravizados na construção da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. Esses monumentos fazem parte do nosso patrimônio cultural, do nosso cotidiano, e, ajudam a contar nossa história, na formação da cidadania e perpetuando a memória cultural da comunidade barrense.

Para a confecção e impressão do folder didático será necessária uma futura parceria com a prefeitura, secretarias de cultura e meio ambiente e talvez iniciativas privadas para suporte financeiro, tendo sua distribuição em escolas da rede municipal e estadual e como suporte na divulgação turística da Povoação da Barra.

Na perspectiva da arte e cultura na comunidade, é projeto futuro também, a transformação da minha casa em um atelier de arte e cultura, onde serão ministradas oficinas de pintura, costura, música, arte reciclável, educação ambiental e realizadas atividades como a hora do conto e rodas de conversas sobre assuntos emergentes como preconceito, violência doméstica, bullying, racismo, homofobia, xenofobia, feminicídio etc., com projeções de imagens ilustrativas para melhor compreensão dos assuntos abordados, sendo atividades distintas elaboradas por faixas etárias e de acordo com o tema.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, pude constatar *in loco* os resultados obtidos com a elaboração e execução de projetos educativos desenvolvidos na comunidade da Povoação da Barra, São José do Norte-RS.

Além dos excelentes resultados obtidos, minha descoberta como educadora não formal e artógrafa me deu a base que precisava para seguir uma linha de estudo mais aprofundada de como trazer a luz da educação para espaços comuns e cotidianos, aprendendo e ensinando pela prática e pelo exemplo.

Ver as pessoas que iniciei na atividade física através do Projeto “Dance e Viva” continuarem com alguma atividade mesmo depois da suspensão do projeto em virtude da pandemia é muito gratificante.

Da mesma forma, observar a mudança de comportamento em relação ao ambiente em que estamos inseridos e sua preservação em decorrência de algumas ações é recompensador. Após a colocação das placas do Projeto “Emplaque essa Ideia” é visível o aumento de cuidado no descarte de lixo, tanto orgânico como reciclável pelas famílias da comunidade.

A educação sempre foi o caminho, seja ela formal ou não formal. Transferir saberes e conhecimento dá dignidade a quem ensina e a quem aprende, numa rica troca de informações, com inúmeras descobertas, lugares de pertencimento e preservação, arte lúdica e sustentável, empatia e solidariedade.

Os primeiros contatos com a arte, e suas variações, seja na infância, na adolescência ou na fase adulta, ajudam na formação intelectual, instigando-nos a desenvolver o senso crítico e a compreender o espaço que ocupamos na sociedade, física e politicamente, na esperança de contribuirmos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, dando a devida importância às necessidades dos nossos semelhantes pela empatia e solidariedade. Do mesmo modo, nos possibilita perceber a necessidade de cuidar do lugar que habitamos através da compreensão da importância da preservação do meio ambiente e do patrimônio material e imaterial.

Dentre todos os motivos pelos quais surgiu a proposta deste trabalho de conclusão, o fato de me redescobrir, principalmente como pessoa, a cada vez que leio este trabalho, é me sentir finalmente pertencente a um lugar, e, poder retribuir de alguma forma todo o acolhimento que recebi durante todos esses anos de convivência nessa comunidade. Não sou mais uma estranha no ninho... sou uma arte educadora, que conseguiu levar a educação além das fronteiras do muro de uma escola.

4 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Cláudia M.M. Identidades: relato de uma experiência em arte-educação ambiental. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, vol.1, trimestre outubro/dezembro, 2005.

BRANDÃO, C.R. **A Pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n 8.069/90. Brasília. Ministério da Criança/Projeto Minha Gente, 1991.

_____. **Decreto-lei Nº 25 de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília. Presidência da República, 1937.

BARBOSA, A.M.T.B. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1979.

CARVALHO, Livia Marques. Reflexões sobre o ensino da arte no âmbito das ONGs. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009, pp. 295-304.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental**. Barcelona: César Coll, 1999.

COOMBS, P.H. **A Crise na Educação Mundial**. Nova York: Oxford University Press, 1968.

COSTA, Efigênia M.D. Formação de Professores em Espaços de Educação não formal. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 127, p. 551-566, abr.-jun. 2014. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAMBA, A.P. **Alto e bom Som**. Páginas Abertas, São Paulo, v.29, n.20, p.26-35, junho/julho - 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 1).

GUIMARÃES, Ludmila.V.; CARRETEIRO, Teresa Cristina; NASCIUTTI, Jacyara Rochael (orgs.) **Janelas da Pandemia**. Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a Pandemia**, breve lições para um mundo pós corona vírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

IRWIN, R. A/r/tografia. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 27-35.

IRWIN, R. L. A/r/tografia: Uma mestiçagem Metonímica. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Org). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo, Brasil: Editora Senac, 2009.

SEMELER, Alberto M. Ribas. **Pintura Tridimensional: reciclagem**.1995.78f. Dissertação (Mestrado em Pintura) - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, UFRGS, 1995.

RIBEIRO, T.F.; LIMA, S. do C. Coleta Seletiva de Lixo Domiciliar – estudo de casos. **Caminhos da Geografia**, v.1, n.2, p.50-69, 2000.

TRILLA, Jaume. **Educação Formal e Não Formal** - pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.

TOZONI-REIS, M.F.C. **Pesquisa-ação**: Compartilhando saberes; Pesquisa e Ação educativa ambiental. In: FERRARO JÚNIOR, L.A.(Org.) Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores, Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. P.269-276.